

VOZ DA NAÇÃO

São Paulo, 15 a 31 de maio de 1986 — nº 9 — Ano II — Cz\$ 2,00

ATAQUE NORTE-AMERICANO À LÍBIA É TERRORISMO DE ESTADO



EDITORIAL

Eram duas horas da madrugada do dia 14 de abril. A população civil das cidades líbias descansava, preparando-se para mais um dia de trabalho. Subitamente, ouvem-se explosões, prédios desabam, os gritos dos atingidos se misturam com o desespero das crianças. Todos abandonam suas moradias e buscam abrigo.

Num ataque de surpresa, a Força Aérea dos EUA acaba de atingir uma série de alvos civis em território líbio, provocando grande número de feridos e mortos. A Defesa Anti-Aérea respondera eficientemente, derrubando três F-111 e, durante os ataques que se seguiram, o controle objetivo líbio acusou a queda de cerca de 20 aparelhos inimigos.

No momento do início do ataque, Reagan tenta justificar-se perante a opinião pública norte-americana, através da televisão. Seus "argumentos" não trazem nada de novo. Afirma, sem provas, que a Líbia estava envolvida em atos de terrorismo e que era necessário puni-la. Mas não fala uma palavra sobre as verdadeiras causas. Em realidade, a Líbia, tal como o líder Muammar Al-Kadhafi, declarou dezenas de vezes, não praticou, não pratica e nem praticará atos de terrorismo, porque este é o estilo dos Estados Unidos. A Líbia apóia os Movimentos de Libertação Nacional em luta contra o imperialismo de Estado, praticado pelos EUA, Israel e seus aliados. A Líbia defende sua soberania nacional e pratica em seu território a política que convém a seu povo, não aceitando submeter-se ao "diktat" imperialista e neocolonial. Também não permite que o seu território seja utilizado para provocações a terceiros. Os aviões de países amigos que pousam em seus aeroportos são recebidos fraternalmente e não estão à disposição da CIA — Agência Central de Inteligência —, diferentemente do que ocorre em certos países da América do Sul, submetidos pelo imperialismo norte-americano.

Portanto, apesar da histeria anti-líbia e anti-árabe, produzida sob a supervisão da máquina de guerra psicológica norte-americana, a Jamahiriya não agrediu os EUA. Ao contrário, foi agredida e forçada a atos de defesa. Além disso, deve-se ter presente que o objetivo verdadeiro do imperialismo norte-americano e britânico era assassinar o líder Muammar Al-Kadhafi.

Felizmente, nenhum de seus objetivos foi alcançado. De fato, conseguiram isolar-se perante a opinião pública mundial, sendo respeitados até por seus "amigos e aliados".

Perante a situação criada e seguindo o exemplo do mundo inteiro, surgiu, também no Brasil, um movimento de apoio à luta do povo líbio. Foi criado o Comitê Brasileiro de Solidariedade à Líbia, que começa a se estender por todo o País. Pelas ruas de considerável número

de cidades brasileiras podem ser vistos cartazes, que deixam claro que o povo brasileiro não aceita nenhum dos "argumentos" do imperialismo norte-americano e que, diferentemente do Ministério de Relações Exteriores, hoje, controlado pelo Presidente da Câmara de Comércio Brasil-Israel, Sr. Abreu Sodré, também não pode aceitar que o Governo brasileiro trate o agressor e o agredido no mesmo nível: os agressores são os Estados Unidos e o agredido é a Líbia. A realidade é esta, a despeito de todas as invencionices da imprensa controlada e manipulada pelo imperialismo e pelo sionismo, a despeito de todas as ameaças do FMI — Fundo Monetário Internacional — e de todas as pressões da OTAN e da CIA.

No Brasil, o apoio à causa do povo líbio tende sempre a aumentar, tal como aconteceu com a luta do povo palestino e libanês, com a luta dos povos nicaraguenses, angolanos, moçambicanos, namíbios, sul-africanos, vietnamitas e tantos outros agredidos por aqueles que pretendem a hegemonia mundial pela força das armas.

Na medida em que a lista dos agredidos cresce sem cessar e que vai se tornando cada vez mais urgente responder de forma imediata, bem coordenada e contínua a tantas violências praticadas contra o Terceiro Mundo e contra a paz mundial, acreditamos que chegou o momento de unificarmos todos os comitês de solidariedade internacional e todos os movimentos em defesa da paz num único. Deste modo, as energias dispendidas serão melhor utilizadas e serão evitados sectarismos desnecessários e descabidos.

Francamente, não acreditamos que, quem quer que seja, ligado ou não a partidos ou facções, tivesse coragem para fazer propostas de pulverização das forças democráticas, populares e anti-imperialistas tendo em seus braços uma criança triturada por bombas, tal como ocorreu com a filha de Muammar Al-Kadhafi e de centenas de milhares de outras pessoas, no mundo inteiro. Deste modo, temos a mais profunda convicção que todos farão o máximo esforço em defesa da unidade não só de todos os movimentos de solidariedade internacional e em defesa da paz, mas também do conjunto das forças democráticas e populares.

CARTAS

JORNALISTA BRASILEIRO AMEAÇADO POR SIONISTAS

O editor do jornal "Opção Cultural" de Curitiba, Estado do Paraná, recebeu ameaças no último dia 12 de março, no plenário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, em consequência de matérias divulgadas naquele jornal em apoio à causa palestina.

As ameaças partiram de um senhor bem trajado que, soube-se depois, tratar-se de um empresário curitibano ligado ao ramo de joalherias. Os argumentos usados foram no sentido de impedir a continuação de publicação de matérias em defesa da causa palestina pois, segundo o ameaçante "você estão escrevendo sobre fatos que desconhecem, que estão acima da nossa compreensão". O argumento reflete bem a irracionalidade e a falta de conhecimento dos defensores de Israel.

No mesmo dia à noite, o editor do jornal "Opção Cultural", José Gil de Almeida, entrou em contato com diversas personalidades curitibanas e árabes que apóiam a causa árabe-palestina para expor o acontecimento. Diversas pessoas manifestaram apoio ao posicionamento político do jornal.

Em declaração exclusiva para o jornal "Voz da Nação", José Gil de Almeida afirmou que "nós continuaremos a publicar matérias em defesa da causa palestina porque é uma causa justa, humana. Eu sou brasileiro, estou dentro do meu País, e não admito que nenhum judeu sionista venha me dizer o que é certo ou errado. Fui ameaçado de morte se publicar outro número do jornal. Publicarei o próximo número no dia 1º de maio próximo, pois o nosso jornal é bimestral. E se acontecer algum acidente comigo, os meus amigos e companheiros sabem o que fazer, pois já tem o nome e o endereço da pessoa que me ameaçou".

Sr. Diretor

Temos o prazer de acusar o recebimento deste Jornal, que será encaminhado à sede da Bibliote-

ca em Washington, D.C. Agradecendo a sua inestimável colaboração, subscrevemo-nos, cordialmente.

Lygia Maria Ballantyne — *Field Director — Library of Congress — Office — Brazil — Consulado Geral Americano — Rio de Janeiro*

Sr.^a Diretora

Recebi o jornal "Voz da Nação" que achei oportuníssimo. Achei a proposta ousada e necessária, principalmente quando aviões israelenses voam a mais de 2.000 km para matar e os americanos atuam nos quatro cantos para manter seus interesses.

Jefferson Carlos Casús Guedes — *Bagé — Rio Grande do Sul*

Sr. Diretor

Recebi exemplar da "Voz da Nação" que estava ótimo. Gostei também da linha terceiro-mundista descrito no Jornal... Vou escrever alguma coisa sobre Gandhi, que é uma de minhas especialidades. (...) Grato pelo apoio que tem me dado. Um abraço fraternal.

Paulo Cesar Gutierrez Guggiana — *Sant'Ana do Livramento — Rio Grande do Sul*

EXPEDIENTE

Presidente
Nilson Dalledone
Diretora Responsável
Solange D'Almeida Borges
Dalledone
Jornalista Responsável
Edmilson Costa — MTB 12.459
Tradutor
David S. Debs
Repórter
Lameh Smaili
Eliana Silva de Souza
Editores para Assuntos Sindicais
Lázaro Paulino Maia
João Evangelista Domingues
Affonso Delléls
Editores para Assuntos Afro-Brasileiros
Estevão Maya-Maya
Milton Barbosa
Secretária
Eliane Rodrigues de Freitas
Expedição
Pedro Sales
Agências
Empresa Brasileira de Notícias (EBN)
International Press Agency (IPS)
Agência de Imprensa Novosti (APN)
Jamahiriya News Agency (JANA)
Esta é uma publicação da
Editora Voz da Nação Ltda.
C.G.C. 55.427.173/0001-82
Redação
Av. Miguel Stéfano, 905, conjunto 1 —
Saúde — São Paulo — SP — CEP 04301
Caixa Postal 9.029 — Central —
CEP 01051
Composição e Impressão
Editora Jorúes
R. Arthur de Azevedo, 1.977 —
Pinheiros — SP
Tiragem: 10.000 exemplares

LEIA, ASSINE, DIVULGUE

Apoie nosso trabalho.	
Assinatura semestral	Cz\$ 35,00
Assinatura semestral de apoio	Cz\$ 50,00
Assinatura anual	Cz\$ 70,00
Assinatura anual de apoio	Cz\$ 100,00
Preencha os dados, anexe um cheque nominal em nome da Editora Voz da Nação e envie ao nosso Departamento Comercial: Av. Miguel Stéfano, 905, conjunto 1 — Saúde — CEP 04301 — São Paulo — SP	
Nome	
Entidade	
Endereço	
Bairro	Cidade
CEP	Estado
Data	Telefone
Assinatura	

ATAQUE DOS EUA CONTRA LÍBIA AMEAÇA SEGURANÇA MUNDIAL

Foi com profunda indignação que os povos de todo o mundo e principalmente os representantes das suas forças armadas souberam que as forças aéreas e navais dos Estados Unidos dirigiram golpes, preparados com o cuidado e o sangue frio de assassinos profissionais, nas cidades de Trípoli e Benghazi, inclusive em bairros residenciais. É particularmente alarmante o fato de a agressão ter sido sancionada pelo próprio Presidente dos EUA que fala hipocritamente da sua aspiração à paz e à liberdade.

Lembrem-se que tinha servido de prelúdio para esta agressão os ataques efetuados contra alvos da Líbia pela VI Esquadra norte-americana durante as suas "manobras pacíficas" de 23 a 28 de março passado, ataques que haviam suscitado a legítima indignação de todo o mundo. A nova agressão descarada àquela país soberano é um atentado à paz e à segurança internacional.

Líbia isola EUA

Não foi por acaso que a maioria dos aliados norte-americanos, apesar de serem fortemente pressionados, recusaram-se a apoiar a "demonstração dos músculos americanos". O único aliado que aceitou o papel de cúmplice da agressão no Mediterrâneo foi o governo conservador britânico, tendo os caças-bombardeiros norte-americanos F-111 usado bases inglesas. A sra. Thatcher - constatou o jornal londrino *Mail on Sunday* - "limpou o terreno para o presidente Reagan desferir um golpe aéreo maciço contra a Líbia". Assim, Londres retribuiu a Washington o apoio dado à Inglaterra na guerra das Malvinas.

Para reabastecer, em vôo, os aviões F-111 Washington mandou em caráter de urgência para a Grã-Bretanha aviões de reabastecimento KS-10. Muito solícito, o governo conservador de Londres colocou à disposição do Pentágono as duas bases em Chipre, onde os aviões F-111 poderiam pousar depois de atacarem as cidades líbias. Além



Todo o povo líbio saiu às ruas, demonstrando seu incondicional apoio à Revolução e ao líder Al-Kadhafi, a despeito das agressões e pressões dos EUA

dos bombardeiros F-111, a soldadesca americana utilizou na agressão uma poderosa força naval constituída por 20 embarcações, mas sobretudo pelos porta-aviões "América" e "Coral Sea" que transportam, no total, perto de 150 aviões de combate, entre os quais 60 aviões de assalto A-6 e A-7 e mais de 70 caças F-14 e F-18. Cada porta-aviões tem cinco mil tripulantes e traz, no porão, cerca de 2220 munições clássicas, entre as quais bombas "Smart", orientadas a laser, de 225 e 800Kg.

Toda esta força naval transporta mais de 100 mísseis Cruzeiro, cerca de 500 mísseis antiaéreos e mais de 20 peças de artilharia. Estes porta-aviões possuem muita experiência de ataque a cidades pacíficas do Vietnã e de outros países do sudeste asiático. A pouca distância da Líbia está estacionado um grupo de navios de desembarque norte-americanos. Os cerca de 3000 mil fuzileiros navais que se encontram a bordo em estado de alerta podem a qualquer momento, serem transportados para a Líbia por helicópteros (perto de 40) e lanchas de desembarque (até 30).

A agressão não visa apenas "punir" a Líbia pelo suposto envolvi-

mento no "terrorismo internacional" e "pela violação do princípio de liberdade de navegação". A recente explosão nuclear no Nevada, o fornecimento de armas modernas à contra-revolução em Angola, Nicarágua e Kampuchea e, agora, a agressão à Líbia são elos da "cadeia neoglobalista". O que se pretende é intimidar os povos com a demonstração do poderio militar e a determinação dos EUA de provocar em qualquer ponto do globo conflitos de diversa intensidade dentro de interesses hegemônicos egoístas.

Cabeças-de-ponte

A agressão à Líbia mostrou mais uma vez que as bases norte-americanas no estrangeiro não são outra coisa do que cabeças-de-ponte potenciais de "repressão a regimes recalcitrantes". A História mostra que os conflitos locais, se não forem resolvidos, podem provocar uma grande guerra. Será que os povos da Europa, Ásia, África e América Latina podem estar interessados nisso? Claro que não. Quem está interessado são os círculos norte-americanos firmemente empenhados na política de confrontação e de preparação da guerra.

Washington brinca com a vida de milhões

Tal política não pode, naturalmente, deixar de inquietar seriamente os americanos realistas. Referindo-se aos planos da Casa Branca para ampliar a esfera de aplicação da doutrina do "neoglobalismo", o jornal *Ne Hay* recentemente escreveu que "é perigoso considerar as intervenções como base da política externa. Isto traz o risco de envolvimento dos Estados Unidos num conflito semelhante ao do Vietnã, mas, desta vez, não num país, mas em vários". Um aviso bem oportuno. Quaisquer que sejam os "argumentos" invocados por Washington a verdade é que a administração dos EUA é a principal responsável pelo agravamento da tensão no globo, brincando levemente com a vida de milhões de pessoas.

Diferentemente do que esperavam os agressores norte-americanos, a totalidade das Forças Armadas líbias, em terra, mar e ar se colocaram em defesa da integridade nacional, rechaçando tanto o ataque militar, quanto os conspiradores a soldo da CIA, numa atitude verdadeiramente patriótica



CIA TRAMA CONTRA KADHAFI

Era uma manhã de maio de 1981. Limusinas negras a brilhar aproximavam-se em grande velocidade do bloco principal da Agência Central de Inteligência (CIA) dos EUA em Langley, nos arredores de Washington. Abriam-se as portas traseiras do lado direito e dos carros saíam homens vestidos à paisana. Alguns jovens, outros com os cabelos embranquecidos e de idade indefinida, mas todos com um jeito de esportistas.

Nesse dia, no Estado-Maior da CIA, ocorreu uma reunião importante de representantes de quase todos os serviços secretos desta Organização. A ordem do dia tinha um ponto: Muammar Al-Kadhafi...

A questão era que o caminho político escolhido pela Líbia há muito que não satisfazia aos Estados Unidos. A Casa Branca dera instruções à CIA e ao Departamento de Estado para influenciar Kadhafi, líder da Líbia. Ambas as instituições tentaram fazê-lo, mas sem resultado.

Estados Unidos na conduta de Kadhafi e nas posições da Líbia? Recordemos que o dirigente da Líbia nasceu em 1942, terminou a faculdade de História na Universidade da Líbia, na cidade de Benghazi, e a escola militar, em 1965. Na escola militar começou a dedicar-se à atividade política. Em 1964, criou e encabeçou uma organização clandestina dos oficiais livres, que colocava como objetivo a libertação do país do senhorio imperialista.

Kadhafi participa da Revolução

Depois Kadhafi tomou parte direta na Revolução de 1º de setembro de 1969, que derrubou a monarquia, então dirigida pelo rei Idris, e estabeleceu um regime republicano na Líbia. Após a derrubada da monarquia tornou-se comandante-em-chefe das Forças Armadas da República e presidente do órgão supremo do poder, o Conselho de Comando Revolucionário (CCR).

Depois da dissolução do CCR, em março de 1977, Kadhafi é eleito para secretário-geral do órgão supremo legislativo, o Congresso Geral Popular da Líbia, que passou a usar oficialmente o nome de Jamahiriya Socialista Popular Árabe da Líbia. Desde março de 1979, mesmo sem ocupar nenhum posto oficial, Muammar Al-Kadhafi é, em realidade, o grande líder nacional.

Nos anos que se passaram, desde a Revolução de setembro, os dirigentes realizaram uma série de iniciativas sócio-econômicas no interesse das massas populares. Na sua política externa, a Líbia, seguindo os princípios de uma neutralidade positiva e de não-alinhamento aos blocos, realiza uma política anti-norte-americana.

A política externa de Kadhafi não agrada aos EUA. Acontece que, lo-

go após a Revolução de 1969, o Pentágono teve que retirar a sua maior base aérea do Mediterrâneo Oriental, Wilousfield, que se encontrava em território da Líbia. Os líbios passaram a exercer controle sobre seus recursos petrolíferos, não se curvaram diante da questão relativa às concessões e na determinação de preços para o petróleo, que favorecesse Washington. A direção Líbia condena decididamente os governos que concordaram em ceder bases aos Estados Unidos, intervém contra o acordo de Camp David entre EUA, Egito e Israel e apóia moral e materialmente a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

EUA apóiam seus cúmplices na região

Foi particularmente desagradável aos dirigentes americanos uma das últimas intervenções de Kadhafi num comício de massas em Trípoli, onde afirmou: "O imperialismo americano começou uma cruzada contra os países do Oriente Médio e África, que lutam por um futuro melhor, e pela independência nacional. Além disso, os Estados Unidos tentam vestir a máscara de defensores do Islão, defendendo, em realidade, somente os interesses dos seus cúmplices na região".

A administração Reagan na prática declarou uma "guerra fria" contra a Líbia. Foi decidido o bloqueio diplomático à Líbia. Em Washington foi fechado o Bureau Popular da Líbia, sendo também extraditados dos Estados Unidos todos os diplomatas líbios. Conseqüentemente, foi retirada a representação diplomática dos EUA na Líbia. Foram declaradas sanções econômicas: o boicote à importação de petróleo da Líbia. Foram dadas instruções a todos os órgãos de informação social que desacreditassem os dirigentes líbios e a sua política.

Devido ao fato de todos os canais legais de influência sobre a Líbia estarem cortados, naquela manhã de maio, os dirigentes da CIA estudavam a questão no sentido de ver o que é que se podia fazer para se livrarem de Kadhafi. Os patrões da citada instituição vieram à reunião de mãos cheias. Neste momento, a CIA já tinha desenvolvido um trabalho ativo contra o regime da Líbia, tanto dentro do país como a nível mundial. Os resultados concretos desta atividade, invisível à vista desarmada, consistiram numa intensiva campanha de difamação contra o líder líbio. Deste modo, a CIA espalhou continuamente boatos sobre umas imaginárias ligações de Kadhafi com os traficantes de escravos do Saara. Boatos de que Kadhafi especula com depósitos bancários internacionais da Líbia e que, desse modo, dispense as riquezas nacionais do país com a venda do petróleo. A CIA organi-



zou o desaparecimento de um dirigente muçulmano moderado depois da sua visita à Líbia. Enquanto isso, o ex-embaixador líbio na Índia, Muhammed Yusuf Al-Magriaf, que se encontrava em Londres, foi comprado pela CIA e já criara, financiado pelos americanos, o "Comitê Internacional Afro-Árabe" para lutar contra Kadhafi. Este mesmo indivíduo é o testa-de-ferro da chamada "Frente Nacional de Salvação da Líbia", que diz ter por objetivo a organização de desordens internas no país, atos de sabotagem, provocações, entre outras "tarefas" encomendadas pelo patrão yankee.

Resumindo, se chamarmos as coisas pelos seus nomes, desenvolve-se uma campanha tradicional de desestabilização do regime líbio. Esta campanha é formada por três programas. O primeiro é de desinformação através da imprensa, rádio e através de boatos. Este programa tem por objetivo desacreditar Kadhafi e seu governo. O segundo programa consiste na criação de um "contra-governo" que contestasse o direito de Kadhafi dirigir o país.

O terceiro programa é o apoio àqueles que na Líbia se encontram insatisfeitos com o regime. Pretende-se incitá-los a intervirem na situação com a explosão de objetos diversos, realizar todos os tipos de diversões com o fim de demonstrar que existe uma oposição a Kadhafi por parte das forças políticas locais. Há pouco transpareceram na imprensa informações de que na reunião do Estado-Maior da CIA foi tomada a decisão de que, nas novas condições, em que não existem relações diplomáticas entre os EUA e a Líbia, era necessário atuar de outra maneira, mais decididamente. Na Líbia, nesse momento, havia cerca de 2.500 cidadãos americanos que lá trabalhavam contratados, em sua maioria especialistas em exploração de petróleo. Foi precisamente este importante fator que se decidiu utilizar para o atentado a Kadhafi. Mas como fazê-lo?

"Mosca Negra" significa assassinato

Quantas versões e planos foram



inventados em relação ao assassinato do dirigente da Revolução? Talvez umas dezenas. Não o sabemos. Mas houve alguma coisa que transpareceu na imprensa e se tornou de conhecimento geral. Através do depoimento de um jornalista bem informado do Washington Post que, por determinadas razões, pediu não mencionar o nome, podemos ler:

"...Lembram-se da conspiração com o objetivo de envenenar de uma forma qualquer o primeiro-ministro de Cuba, Fidel Castro? O contato que foi estabelecido com os bandidos da Máfia para que estes o assassinassem? O agente da CIA que ligou o detector de mentiras e cortou toda a eletricidade num hotel de Cingapura? As ações militares clandestinas que fracassaram em Cuba, no Laos e no Iraque?"

Os James Bond que são responsáveis por estas aventuras fracassadas voltaram ao trabalho. A seção da CIA, onde se instalaram os "ilusionistas", propõe agora projetos absurdos do tipo dos que não passaram de fiascos nos anos 60 e 70. Há algum tempo, por exemplo, apareceu na imprensa a informação que esta Agência tinha preparado um projeto de operação de muitas etapas com o fim de libertar o mundo do governo "radical" de Muammar Al-Kadhafi. A Casa Branca negou. Noutras informações que surgiram na imprensa, esclareceu-se que a operação, em realidade, tinha como objetivo a Mauritânia e não a Líbia. Isto, claro, causou insatisfação na Mauritânia, mas outra informação que "surgiu" dizia que não tinha nada a ver com a Mauritânia, mas sim com a Ilha Maurícia, que se situa no Oceano Índico, com uma população pouco numerosa, com a qual não haveria problemas em ter atritos.

Enquanto isso, nos bastidores da CIA, protegidos do mundo exterior, fala-se em voz baixa em mandar alguém à Líbia para eliminar Kadhafi. Segundo um dos planos, previa-se utilizar os serviços de um bandido, que tinha que se infiltrar entre os especialistas que se encontravam a serviço da Líbia. De acordo com um dos planos da CIA, o assassino secreto deveria levar consigo um veneno letal, de efeito retardado, que

E REVOLUÇÃO LÍBIA



não desse quaisquer sintomas nas primeiras 48 horas. Depois Kadhafi cairia doente com uma enfermidade que não é possível distinguir de uma série de doenças provocadas por vírus. Mais tarde, dar-se-ia a paralisção, o estado de coma e, finalmente, a morte. Além disso, no organismo não fica nenhum resíduo do veneno.

Nos círculos da CIA deram ao meu colega Ron a descrição completa desta droga desagradável, substância bastante vulgar que pode ser obtida em qualquer laboratório. O senso da responsabilidade jornalística não me permite dar esclarecimentos mais precisos. Para envenenar Kadhafi com esta substância, os conspiradores imaginaram um pequeno dardo disfarçado, igual a essas moscas negras que existem nos desertos líbios.

Povo americano
não sabe a verdade

Deste modo, a CIA, sem fazer ruído, regressa aos velhos métodos da realização de ações subversivas no estrangeiro. Claro que ela não fala destes planos em voz alta, no entanto, segundo os relatórios de espionagem, parece que as futuras vítimas, regra geral, são as primeiras a saberem das ações subversivas que se organizam contra elas.

A CIA confessou que a situação a obriga a esconder do povo americano a mudança de sua tática. Num plano "rigorosamente" secreto, existe o aviso de que a ampla divulgação pode criar o pânico entre a opinião pública americana, que ainda não se curou da síndrome da guerra do Vietnã. Os estrategas da CIA planejam operações secretas em colaboração ativa com países como o Egito, Israel, a Turquia, o Paquistão, a Guatemala, a África do Sul entre outros. Alguns destes programas já se encontram em fase de realização. Por exemplo, através do Egito de Sadat, a CIA apoiava secretamente os insurretos do Afeganistão e preparava ações secretas contra a Líbia. O Egito e a Turquia foram utilizados em operações contra Khomeini no Irã. Na Guatemala, a CIA organizou o treinamento secreto de assassinos. Este treino realiza-se com a ajuda de agru-

pamentos de emigrantes cubanos, mantendo-se, assim, a CIA na sombra. Os assassinos da Guatemala estão dispostos a utilizar os conhecimentos adquiridos contra os "agentes revolucionários" de Cuba. No entanto, o governo da Guatemala define o termo "agente revolucionário" de uma forma muito ampla. Cada opositor ao regime governante pode até ser considerado "agente". O programa de aniquilação física, segundo dados dos funcionários dos serviços de espionagem, é coordenado a partir de um dos gabinetes do Palácio presidencial. Entre as vítimas estão os funcionários da Saúde Pública que apenas incitaram a recusa da comida para as crianças, em algumas regiões, porque ela é feita com água contaminada.

A CIA também realiza o treinamento dos destacamentos de "comandos" cubanos de emigrantes, esquecendo as lições que recebeu na Baía dos Porcos. Foram discutidos planos de lançá-los de pára-quedas em território cubano e a sua utilização em ações provocatórias contra as missões comerciais e outras organizações cubanas nos países da América Latina. Igualmente, eles fundaram a emissora de rádio Cuba Livre com o apoio técnico e financeiro dos EUA.

No Oriente Médio, a CIA, com a colaboração de Israel, tentou aniquilar os elementos realmente revolucionários da Organização para a Libertação da Palestina. No entanto, os israelenses utilizam as mesmas operações para desestabilização da Arábia Saudita, que é um partidário declarado dos EUA e fornecedor de petróleo a esse país.

A Direção de Operações Especiais

No aparelho da CIA americana, há uma seção que tem o nome de "Direção de Operações Especiais", ou como chamam habitualmente em conversa, a seção dos "negócios sujos", que tem por finalidade executar missões "delicadas" de espionagem dos Estados Unidos. Foram criadas bases especiais e acampamentos no território dos EUA e fora dele, onde são preparados terroristas, provocadores e assassinos destinados à execução das

Da esquerda para a direita: manifestações em Washington, Bonn, Madrid e Roma. Em Washington, manifestantes exigem que se tire as mãos da Líbia e da Nicarágua; em Bonn é satirizada a Estátua da Liberdade; em Madrid é queimada a bandeira norte-americana e em Roma mais de 15 mil pessoas repudiam Reagan

tarefas desta seção. O chamado gabinete de abastecimento, que prepara o equipamento e os "instrumentos", ou seja, os meios que são utilizados para o assassinato individual e em massa de pessoas, ocupa um lugar especial na estrutura da CIA. Para a preparação das técnicas de assassinato e dos métodos mais sofisticados de liquidação física, trabalham inúmeros institutos de investigações e firmas com especialistas altamente qualificados. Os representantes da imprensa americana tiveram a oportunidade de se encontrarem com um deles, que não desejou dizer o seu verdadeiro nome. O que ele disse dos "serviços" que ele prestou à CIA é extremamente interessante. Este especialista trabalhou diretamente na preparação da arma com que desejavam matar Kadhafi.

Apresentamos o seu depoimento dado à revista Playboy, editada em Chicago.

— Você falou do seu trabalho com venenos. Em que ele consistia?

— A CIA pediu-me que estudasse alguns métodos e meios de aniquilamento físico de pessoas. Praticamente tudo em que eu trabalhei era destinado a matar. Eu dediquei-me a três métodos fundamentais de assassinato: com a utilização de armas de fogo, explosivos e venenos.

— Não podia falar mais detalhadamente das armas em que se utilizava veneno?

— Claro que posso. Uma vez veio conversar comigo um funcionário da CIA que, posteriormente, manteve contato permanente comigo. Pediu-me que o ajudasse na resolução de um problema: "suponhamos — disse ele — que você precisa liquidar alguém num avião sem chamar a atenção dos outros passageiros. Como é que atuaria?". Eu sabia que nesse caso o mais simples era utilizar um veneno de contato. É necessário um líquido especial que penetre através da pele pelos poros e tudo que nele seja dissolvido será sem qualquer problema introduzido no organismo. Basta acrescentar a essa substância um veneno especial e aplicar apenas uma gota de líquido na roupa ou no calçado da vítima. Isto é um meio radical para tal tipo de operações.

— Você fabricou tal veneno?

— Sim, inicialmente experimentei diversos tipos de venenos de co-

bra, estudei, detalhadamente, as propriedades do veneno seco da cobra tigre. Depois escolhi o veneno de cascavel, que vive na África Meridional. Os sintomas deste veneno mal se notam. Ele provoca hemorragias internas, mas a morte só ocorre daí a alguns dias. Mesmo após a autópsia, não é possível determinar com exatidão a causa da morte.

— Houve casos em que a CIA o tenha posto a par dos pormenores de algum caso concreto?

— Só uma vez o meu conhecido da CIA foi obrigado a informar-me de alguns detalhes e não se limitou ao tradicional "suponhamos que...". Eles necessitavam de afastar um negro que conduzia um carro da marca Jaguar. Ele devia morrer num momento determinado, digamos, oito minutos depois de se sentar no volante. Não sei porque isso era necessário. Em todo o caso, foi-me necessário saber o peso da pessoa, se ele era ou não canhoto etc. Finalmente, trouxeram-me um volante do Jaguar e o retrato da pessoa que estava sentada ao volante. Não o retrato, mas sim a fotografia das suas mãos que seguravam o volante. Foi só então que soube que ele era negro.

Eu disse que era necessário cobrir uma parte do volante com uma mistura que eu prepararia, precisamente o lugar onde o condutor colocava habitualmente as mãos. A dose foi calculada para que o veneno começasse a atuar dentro de um certo tempo. Julgando pela reação dos que me fizeram a encomenda, ficaram satisfeitos com o meu trabalho.

— Até agora você falou de meios químicos de assassinato. Nunca teve que inventar outros meios técnicos, tipo pistolas com balas envenenadas?

— Tive que fazer alguma coisa desse tipo. Depois do episódio com o Jaguar, visitou-me o meu conhecido da CIA com um novo problema. "Imagine a seguinte situação: não é possível introduzir numa certa sala uma arma de fogo sem causar suspeitas, assim como qualquer outro tipo de arma. Como é que você dominaria as pessoas que se encontram nesta sala?" Eu, claro, perguntei o que é que significava "dominar". Era necessário saber o que queriam fazer com as pessoas: liquidá-las ou pô-las fora de combate por algum tempo, o que na linguagem deles se chama "fazer uma agressão biológica".

O meu conhecido da CIA disse: "Necessitamos liquidá-los. Mas eles são muitos e a sala tem dimensões médias". Eu lancei mãos à "sujeira", a mais nojenta dentre todas as que fiz. A propósito, é precisamente assim que designam todos os meios técnicos deste tipo: "lote de sujeiras". Era necessário fazer uma bomba em miniatura que pelas suas dimensões parecesse uma bala calibre 0,45 polegadas (11,4 milímetros). Lança-se e ela explode. A

Continuação

bala era recheada de pequenas partículas de aço e cada uma delas era envenenada.

Os lápis mecânicos de Wilson

Num pequeno restaurante dos arredores de Roma, no dia 8 de junho de 1981, pela hora do almoço, encontraram-se dois americanos: o chefe da rede de agentes da CIA na Itália e o agente desta mesma instituição, Edwin Wilson. Com uma garrafa de Chianti tinto, discutiu-se à maneira americana, o plano de assassinato de Kadhafi.

O executante potencial desta "conspiração de moscas" era E. Wilson, um dos veteranos da espionagem americana. Ele é sofisticado e inventivo. Segundo o que o repórter do Washington Post conseguiu determinar, Orlando Letelier pereceu em resultado da explosão de uma bomba que o funcionário da CIA, Edwin Wilson, montou com um chamado "lápis mecânico". É assim que são chamados, na gíria da CIA, os detonadores eletrônicos de explosivos. Detonadores deste tipo são comandados à distância. Pelo seu aspecto, estes instrumentos infernais se parecem com um lápis...

Enquanto os dois conspiradores da CIA conversam à mesa, contaremos algumas passagens da biografia que conseguimos reunir na imprensa americana e na Europa Ocidental. Na nossa opinião, a sua vida é bastante semelhante à vida de muitos dos que trabalham numa organização como esta. Edwin Wilson trabalha na CIA desde 1951 e é considerado um especialista destacado em mecanismos de explosão. Em 1971, Wilson foi, de repente, desmobilizado da CIA e abriu em Washington um escritório particular que, apesar de tudo, recebia explosivos, detonadores e aparelhagem eletrônica de provocação diretamente dos arsenais da CIA. Desde então, encoberto com a sua máscara de comerciante-exportador, dando desse modo cobertura à própria CIA, impedindo-a de ser desmascarada publicamente, dedicou-se a equipar as instituições de repressão de várias ditaduras pró-americanas com mecanismos de perseguição pessoal e com objetos aparentemente inofensivos como telefones, jarras e pastas que explodem por controle remoto.

No entanto, Wilson, como se conseguiu saber, foi enviado em comissão por bastante tempo para o Oriente Médio e Próximo. Primeiro visitou o Irã durante o declínio do regime monárquico de Reza Pahlevi e forneceu à política secreta do Xá um dos artigos de exportação dos "conselheiros internacionais": anéis de ferro para tortura. Depois, mudou-se para o Cairo, onde equipou a guarda do palácio de Sadat com aparelhos de escuta de conversas telefônicas e com aparelhos óticos eletrônicos de observação noturna.

Banditismo desesperado

A campanha de descrédito e de

calúnia contra a Líbia, os programas de desestabilização do país, os planos de assassinato com a utilização de venenos fortes, todos estes elos da corrente de conspiração falharam. Agora os norte-americanos servem-se de provocações militares abertas.

No dia 19 de agosto de 1981, mais ou menos às 7 horas da manhã, sobre o Golfo de Sidra, junto à costa líbia, um episódio alarmou o mundo. Oito caças americanos do tipo F-14, que participavam das manobras da VI Frota que se deslocou para o Mediterrâneo, atacaram dois caças líbios, que faziam um voo rotineiro de patrulha. Trípoli classificou o acontecimento como um ato de agressão.

Imediatamente a Casa Branca, o Pentágono e todos os órgãos de informação de massa americanos fizeram um chamado "ataque psicológico" à Líbia. Acusaram-na de... agressão aos EUA! Para todos que conhecem um pouco de geografia e de política, uma tal acusação seria ridícula. Mas, apesar disso, o presidente Reagan e o ministro da Defesa, Weinberger, afirmaram que os Estados Unidos continuarão, no futuro, a empregar a força contra qualquer ato semelhante ao que pretensamente fora cometido pela Líbia.

Durante os anos da aventura militar americana no Vietnã, o senador Fulbright caracterizou a política externa dos EUA como uma expressão de "arrogância da força". Foi assim que ele intitulou o seu livro. Exatamente o desejo de submeter pela força, o desejo de medir forças, de assustar um pequeno país, que estão na base da provocação dos círculos dirigentes de Washington contra a Líbia. Junto às suas costas, os EUA organizaram as manobras da VI Frota americana.

O caráter provocatório premeditado das manobras organizadas pelo Pentágono foi claro desde o início. Foram também significativas e características as declarações do Newsweek que disse que a administração Reagan imaginou as manobras como um "desafio direto" ao líder líbio Kadhafi para "experimentar a sua reação".

À luz das ameaças e pressões declaradas, não é de se admirar que os observadores americanos tenham expresso sérias dúvidas em relação à versão elaborada às pressas pelo Pentágono e pelo Departamento de Estado, segundo a qual dois aviões de espionagem líbios realizaram um "ataque sem razão" sobre um grupo de caças a jato das Forças Armadas que responderam ao fogo em legítima defesa.

Desde o início, a administração Reagan vem seguindo o caminho de confrontação com a Líbia. E um grupo de funcionários que se dedicam ao estudo do "problema líbio" recebeu ordem para elaborar planos para assustá-la. No quadro destes planos, previa-se acusá-la de "terrorista internacional". Depois foi declarado que o "objetivo final" dos EUA era conseguir alterar a política da Líbia e torná-la

"aceitável" para Washington. Aqueles que estão no poder em Washington não escondem a sua inimizade e os seus planos de "acertar as contas" com o líder Kadhafi. Vejamos uma passagem da entrevista que foi dada pelo conselheiro do Presidente dos EUA, Edwin Meese, ao repórter de uma estação da rede ABC, no dia 14 de outubro de 1981.

P — Depois da morte de Sadat aumentaram de uma forma assustadora os ataques de personalidades responsáveis do governo americano contra a "personalidade forte da Líbia", Muammar Al-Kadhafi... Há alguns dias o vice-presidente chamou-o simplesmente de maníaco. Permita-me perguntar-lhe: isto são apenas palavras ou nós temos realmente intenções de tomar alguma decisão em relação a Kadhafi?

R — Sem dúvida, Kadhafi e a Líbia foram sempre um problema para nós. Por causa deste país e do seu dirigente, a paz encontra-se ameaçada no Oriente Médio. No que diz respeito à questão do que nós fazemos, nesse sentido, devo dizer que estamos prontos a elaborar conjuntamente planos militares com outros países desta região.

P — Isto é uma resposta muito vaga. Os nossos ataques a Kadhafi atingem uma dureza desmedida. O que é que nós poderemos fazer além das agressões verbais?

E de novo se ouviu a resposta vaga do conselheiro do presidente dos EUA. O correspondente da ABC não conseguiu obter qualquer resposta concreta. Ele tem razão, quando diz que o governo dos EUA e a CIA, onipresente, não ficam nas palavras. A CIA não se detém mesmo depois da imprensa ter desmascarado o plano "Mosca Negra" contra Kadhafi.

Agência JANA denuncia

A resposta que o conselheiro do Presidente americano não deu à emissora, dá à agência líbia JANA. Eis a informação transmitida pela Agência em 5 de novembro de 1981 que percorreu o mundo inteiro.

"Trípoli — A opinião pública líbia exprime uma séria preocupação perante o aparecimento, nos últimos dias, na imprensa ocidental, de novas informações por parte da CIA de um atentado contra o líder da revolução líbia, Muammar Al-Kadhafi".

A agência JANA assinala que as informações que surgiram na imprensa demonstram a continuação ativa por parte dos EUA da preparação de atentados, permitindo ligar isto às manobras do Pentágono e dos seus aliados, numa zona próxima da fronteira líbia.

Segundo alguns dados de círculos diplomáticos de Washington, os EUA planejavam, naquele momento, disferir um golpe massivo ao território líbio com a utilização de bombardeiros estratégicos B-52 e, em primeiro lugar, naqueles locais onde, provavelmente, se encontrasse o líder Kadhafi. Com este fim, a CIA, durante os últimos tem-



O agente da CIA, Vernon Walters, o mesmo que em 1964 conspirou contra o povo brasileiro, pede apoio ao primeiro-ministro francês, Sr. Chirac,

pos, vinha seguindo cuidadosamente os deslocamentos de Kadhafi dentro do país, observando os lugares onde descansa e que lugares visita."

Ao que parece, portanto, a última agressão foi preparada nos gabinetes secretos de Langley e seu objetivo era assassinar o dirigente líbio e obrigar seu país a mudar a política que escolheu, após a derrubada da monarquia em 1969, e na qual se baseiam as suas posições positivas em relação aos problemas mundiais e nacionais, posições que não são do agrado do governo de Washington, que vê nos princípios da autodeterminação dos povos um fator de agressão, qualificando de terroristas os Movimentos de Libertação Nacional, assim como o apoio aos mesmos.

É ridículo ver uma grande potência como os EUA acusarem, sem razões, um país em vias de desenvolvimento, quando é esta mesma potência que comete numerosos atos de terrorismo, que fornece armas à assassinos e apóia os criminosos sionistas de Israel contra o povo árabe da Palestina, que realiza agressões contra a nação árabe e que concede proteção ao regime racista de Israel nos territórios palestinos ocupados. É precisamente esta potência que aterroriza os povos do mundo com as suas bases militares e frotas da marinha de guerra tanto no Ocidente como no Oriente. É precisamente ela que apóia o regime racista de minoria branca da África do Sul e os regimes fascistas odiados pelos povos.

Do lado da Líbia revolucionária estão os seus amigos dos países socialistas, dos países recém-libertados, dos Movimentos de Libertação Nacional, dos trabalhadores do mundo inteiro e dos setores democráticos e progressistas de todos os países, inclusive dos próprios EUA e de seus aliados que lhe prestam apoio na luta contra as intrigas do imperialismo americano. Qualquer nova conspiração contra a revolução líbia terá a sua resposta por parte do povo líbio e de todos os povos que se encontram solidários com este país.

SURGE COMITÊ BRASILEIRO DE SOLIDARIEDADE À LÍBIA

É preciso unificar o Movimento de Solidariedade Internacional



A esquerda, Nilson Dalledone, presidente do jornal Voz da Nação, propõe a ampliação do Comitê; e Salah Bakri fala da Revolução líbia

O Comitê Brasileiro de Solidariedade à Líbia surge com dupla missão para ampliar ao máximo a solidariedade ao povo líbio e para propor a criação de um único Comitê Brasileiro, que seja, simultaneamente, anti-imperialista, anti-sionista, anti-racista, anti-apartheid,

anti-facista e pela paz, produto da unidade e da fusão de todas as organizações similares existentes no Brasil.



Luiz Tenório de Lima, vereador do PCB — SP, conclama os parlamentares a protestarem contra o imperialismo, na reunião do Comitê

Por este caminho, se tornará possível responder de forma imediata a qualquer agressão ou amea-

ça à paz por parte do imperialismo, surgida em qualquer parte do mundo, contornando-se, de forma definitiva, os problemas advindos da formação de novos comitês a cada vez que o povo é agredido. Nem é preciso fazer comentários sobre as vantagens relativas à mobilização de lideranças, à utilização e à ampliação da infra-estrutura existente. Além disso, seria eliminado o problema da representatividade pretendida por determinados grupos, comitês e conselhos, tanto a nível nacional quanto internacional. Todos ganhariam: os brasileiros por adquirirem maior consciência sobre a situação mundial e todos os povos irmãos por poderem contar com uma solidariedade ativa e dinâmica. Só perderiam os inimigos da humanidade e aqueles indivíduos que tentam — e muitas vezes conseguem — obter vantagens pessoais às custas do sangue e do sofrimento alheio. Sem dúvida, poderemos dar grande contribuição à luta

pela paz mundial, se trabalharmos todos juntos.



Lázaro Paulino Maia, secretário geral do Sindicato dos Marceneiros vai às portas das fábricas organizar os trabalhadores



Jofre Correia Neto, grande líder camponês, mobiliza trabalhadores do campo



O mundo ocidental tem um método bastante prático para tratar os problemas causados pela miséria. Primeiro, aplica-se bastante repressão; em seguida, faz-se uma abertura controlada e, por fim, instaura-se um processo de transição acompanhado de concessões; mas de 85 milhões de subnutridos somente 10 milhões recebem um pouco de arroz e feijão

Cidadão tem direito de ver sua ficha no SNI

Brasília (EBN) — O ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações, general Ivan de Souza Mendes, confirmou que existem estudos no governo a respeito da possibilidade de se permitir ao cidadão o acesso à respectiva ficha

pessoal em poder do SNI. Em conversa com os jornalistas, no Palácio do Planalto, disse que está estudando o assunto com o Ministério da Justiça. O General também comentou que o órgão está preparado para discutir sobre a tese de que o Congresso Nacional fiscalizará a atuação do SNI e informou que já manteve contatos com a Comissão da Constituinte, presidida pelo jurista Afonso Arinos. Explicou também que as regras de atuação do órgão deverão ser esclarecidas através da Assembleia Nacional Constituinte, inclusive através da criação de uma legislação própria para o assunto.

UNICEF ajudará o Brasil na assistência à infância abandonada

Brasília (EBN) — Visando a formação de policiais e de outros profissionais para tratarem corretamente os menores abandonados, foi assinado um acordo de cooperação entre o Fundo das Nações Unidas para Infância — UNICEF — e os Ministérios da Justiça e Previdência Social. O convênio também inclui o aparelhamento dos juizados de menores e das delegacias de polícia, além da produção e divulgação de conhecimentos e experiências inovadoras do trato com menores. Pelo acordo, a UNICEF fornecerá técnicos especializados na solução de problemas ligados aos meninos de rua — sem nenhum vínculo com famílias. O Brasil é o primeiro País do mundo a receber esse tipo de cooperação da UNICEF. O ministro da Previdência, Waldir Pires, disse que a situação atual do menino de rua sem família é preocupante e reconheceu que o aparelho policial não trata adequadamente esses menores.

Memória nacional preservada com microfilmagem

Rio de Janeiro (EBN) — “Tenho viajado muito por esse Brasil e vejo que muito dos nossos documentos estão sendo perdidos. É fundamental o resgate da memória nacional, para o que deve ser feito um grande esforço”, declarou o ministro da Cultura, Aluísio Pimenta. Ao presidir solenidade de assinatura de convênios entre a Fundação Pró-Memória e 42 entidades culturais públicas e privadas, assinalou que no Brasil “só se pode falar em cultura, se tivermos microfilmado os nossos documentos e nosso acervo literário e cultural”. Lembrou também a importância de ser preservada a memória dos sindicatos e seus movimentos operários, a exemplo do que está sendo feito com o movimento estudantil. Os documentos firmados envolvem recursos da ordem de Cz\$ 15 milhões e serão aplicados nos planos nacionais de restauração de obras raras e de microfilmagem de periódicos, este último responsável, até agora, pela microfilmagem de cerca de 3 mil títulos, abrangendo publicações a partir de 1908, como o “Diário de Pernambuco”, fundado em 1825.

10 milhões de brasileiros obtêm alimentos do governo

Brasília (EBN) — A meta do Programa de Alimentação Popular (PAP) para o primeiro semestre deste ano é atender 10 milhões de pessoas. Para isso, o Governo pretende investir mais de 2 milhões e 764 mil cruzados na compra de sete produtos básicos: arroz, feijão, leite em pó, açúcar, farinha de mandioca, fubá e óleo de soja. Três milhões e

400 mil pessoas já foram atendidas pelo PAP, que vende alimentos mais baratos ao consumidor. Em quatro meses de implantação, gerou o crescimento na venda de alimentos na ordem de 750% ao mês. Para suprir o PAP, o Governo investiu 207 milhões de cruzados na compra de alimentos em 1985. O Projeto está sendo desenvolvido em 16 capitais brasileiras, excluindo as do Nordeste. Lá, a única cidade atendida é Campina Grande, na Paraíba, porque está sendo desenvolvido outro tipo de programa social, o PROAB — Projeto de Abastecimento de Alimentos Básicos em Áreas de Baixa Renda. Os produtos do PAP chegam ao consumidor através dos supermercados da COBAL e de cerca de dois mil comerciantes varejistas. A característica fundamental do PAP é que ele tem a participação das associações de moradores e das associações comunitárias, que fiscalizam diretamente os supermercados e os comerciantes credenciados. Quanto ao PROAB, o Governo investiu 50 milhões de cruzados em 1985. O Programa é coordenado pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) e executado pela COBAL. Foi implantado pela primeira vez na periferia de Recife e desde então estendeu-se para outras seis capitais nordestinas: São Luís, Natal, Teresina, Fortaleza, João Pessoa e Maceió. Nas capitais do Nordeste, o PROAB tem 32 unidades de distribuição e mais 4.496 comerciantes varejistas. No ano passado, foram atendidas 2 milhões e 140 mil pessoas de baixo poder aquisitivo. A meta do PROAB para 1986 é ampliar o Programa para mais duas capitais do Nordeste, Aracaju e Salvador. Neste Programa será investido cerca de 1 bilhão de cruzados.

Nós condenamos todo tipo de ingerência norte-americana nos assuntos internos de qualquer nação do mundo. No caso da Líbia, temos um exemplo típico de agressividade do imperialismo norte-americano ao atacar um povo que decidiu sobre seu próprio caminho de desenvolvimento independente e que é solidário com os povos árabes e com todos os povos dos países em desenvolvimento, que sofrem a agressão imperialista. Os trabalhadores líbios podem contar com toda nossa solidariedade.

Luiz Turianski - Membro do Secretariado da Federação Sindical Mundial

Companheiros,

Há 12 anos o imperialismo norte-americano, através de um golpe de Estado, instalou no Chile a mais sangrenta ditadura de sua história. O governo constitucional do presidente Allende foi derrubado e o país vive, desde então, sob o império do terror. Hoje, novamente o imperialismo norte-americano volta a agredir, a intervir. Mas, desta vez, o povo escolhido e atingido foi o solidário povo líbio. Todos sabemos que, com o ataque à Líbia, a administração Reagan visa aquiebrar o espírito solidário do governo líbio e frear a luta do povo palestino pelo direito de retornar e de permanecer na sua terra, a sua luta por construir seu próprio Estado Nacional.

A Associação Brasileiro — Chilena de Amizade, entidade cultural e de solidariedade à luta do povo chileno por liberdade e democracia, se irmana às manifestações de repúdio, que neste momento se realizam em todo mundo, a mais esta agressão do imperialismo norte-americano.

Nossa solidariedade às vítimas do bombardeio, ao governo líbio aos palestinos e à nação árabe agredida.

Associação Brasileiro — Chilena de Amizade

Nós, trabalhadores Metalúrgicos de São Paulo, manifestamos nosso total e completo repúdio à ação terrorista desencadeada por Ronald Reagan, ao bombardear a Líbia, levando ao sofrimento e à morte centenas de civis, assassinando covardemente mulheres, homens e crianças indefesas.

Essa atitude insana de Reagan demonstra muito claramente qual o tratamento que o imperialismo pretende dar aos povos de todo o mundo que estão em luta pela paz e contra a guerra. Povos que lutam pela liberdade e independência nacional, como vem fazendo a população da Nicarágua. Reagan não tolera a altivez, a honra e a dignidade com que os povos da Líbia, Nicarágua e Brasil defendem, hoje, sua soberania. Essa ação irresponsável poderá desencadear um conflito mundial sem precedentes na história da humanidade.

O ataque à Líbia não passou de um ato criminoso que servirá para aumentar ainda mais o isolamento da administração Reagan junto à

LÍBIA RECEBE AMPLO

Comunidade Internacional, como também junto ao povo americano, pois esse ato contradiz o anseio dos povos do mundo na luta pela paz e por soluções pacíficas nas pendências internacionais.

Estamos seguros de que a heróica resistência do povo líbio e as pressões da opinião pública mundial colocarão fim rapidamente a esse tipo de ação terrorista.

Manifestamos aqui, neste momento de grave tensão no Mediterrâneo e de apreensão no mundo, nossa mais profunda solidariedade ao povo líbio. ABAIXO O IMPERIALISMO!

"O metalúrgico" — boletim do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de São Paulo

Nós, Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, reunidas no Rio de Janeiro, comprometidas na luta pela causa dos trabalhadores da cidade e engajadas nas periferias de algumas cidades dos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, aqui estamos para trazer nosso apoio e solidariedade aos irmãos da Líbia e da Nicarágua.

Neste momento, em que revelamos e avaliamos nossa prática junto à Classe Operária, tendo em vista uma Ação Libertadora, queremos registrar nosso repúdio às agressões que a Líbia e a Nicarágua vêm sofrendo por parte dos imperialistas norte-americanos. Repudiamos a atitude dos Estados Unidos da América que liberaram cem milhões de dólares para a contra-revolução anti-sandinista, aumentando, assim, as pressões sobre a Nicarágua.

Na certeza de que o sangue de Jesus Crucificado, misturado com o sangue daqueles que tombaram para que a justiça seja uma realidade, enviamos nosso desejo de firmeza e muita esperança, que nos assegurarão a experiência de Resurreição, permitida somente àqueles que abraçam a causa de Jesus que é a causa dos pequeninos. Nosso abraço.

O mundo acaba de assistir um segundo ataque militar norte-americano à Líbia. Com o pretexto de responder às ações terroristas dirigidas pelo governo Kadhafi, o governo norte-americano desencadeou um ato de guerra, que ameaça a paz mundial.

Sem dúvida, o método terrorista atribuído a Kadhafi não pertence às formas de luta dos trabalhadores contra a opressão imperialista aos países semi-coloniais dependentes; como é o caso da Líbia. A forma de solucionar o terrorismo está nas mudanças econômicas que eliminem a exploração de nações sobre nações e do homem sobre o homem. Na realidade, as raízes do terrorismo se encontram na própria re-

Usando como pretexto os atentados contra os aeroportos de Roma, Viena, o avião da TWA e a discoteca Le Belle, nos quais os EUA acusam, mas não provam o envolvimento da Líbia, a aviação americana desfechou violento ataque às cidades líbias de Trípoli e Bengazi às 2 horas da madrugada (hora local) do dia 14 de abril de 1986.

Esta agressão americana à Líbia teve o apoio da Inglaterra e de Israel. Do primeiro país partiram parte dos aviões americanos. Assim Margaret Thatcher retribuiu o apoio americano recebido durante a guerra das Malvinas. O Primeiro-Ministro da Defesa e o Chanceler de Israel defenderam abertamente o ataque americano. Aliás, parte das armas com que Israel pratica agressões aos países árabes (Egito, Síria, Jordânia) são de procedência americana.

Esta bárbara agressão atingiu alvos civis (as embaixadas da França, Suíça e Irã foram danificadas), como também fez inúmeras vítimas civis e inocentes, entre as quais a filha adotiva de Kadhafi, de 15 meses de idade, morta pelos bombardeios americanos, fato este reconhecido

lação de opressão nacional exercida pelas poderosas potências mundiais.

Por outro lado, a guerra iniciada pela prepotente máquina militar norte-americana, com o apoio da Inglaterra, demonstra o outro lado do terrorismo de Estado, que visa manter os interesses econômicos e estratégicos do imperialismo, principal fonte de atraso e miséria das nações dependentes. Está claro que o terrorismo de Kadhafi é apenas um pretexto para mais uma agressão bélica, objetivando manter o domínio das grandes potências sobre o mundo, já que constantemente estão sendo questionadas em todas as partes do mundo empobrecido e submetido.

O bombardeio norte-americano não é um fato isolado. Recente-

pelo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas na Europa, o general Bernard W. Rogers.

Um dos objetivos do bombardeio americano era, segundo o jornal Washington Post, o assassinato do líder do povo líbio. Demonstrando o caráter golpista dos agressores americanos, George Shultz afirmou: "a derrubada de Muammar Al-Kadhafi por um golpe militar seria algo muito bom".

O mandante da agressão americana, o presidente Ronald Reagan, chegou a afirmar que "se necessário faremos outra vez" o que prova que o imperialismo americano é incorrigível em seu caráter agressivo. Com a agressão ao povo líbio, os EUA enriqueceram ainda mais o seu já deveras extenso currículo de agressões ao mundo: Vietnã, Nicarágua, República Dominicana, Líbano, Granada etc.

Esta brutal agressão mereceu uma geral condenação de entidades e países entre os quais: 1) OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo); 2) CEE (Comunidade Econômica Européia); 3) Parlamento Europeu, que considerou os ataques ameri-

mente, Reagan ordenou a invasão da ilha de Granada e, no presente momento, está empenhado em promover uma guerra contra a Nicarágua, usando Honduras como instrumento para seus objetivos bélicos. É necessário ressaltar que o método terrorista, que Reagan diz combater, tem sido uma das principais armas da CIA, claramente demonstrado ao se minar os portos nicaraguenses, ao sustentar a luta mercenária dos contra e ao apresentar como tática, através de um manual amplamente divulgado pela imprensa, o assassinato seletivo das lideranças sandinistas.

Por todas essas razões, nós, trabalhadores da PUC/SP, denunciaremos os motivos apontados por Reagan para justificar a guerra contra a Líbia, pois o próprio Estado



Diante do Consulado dos EUA, em São Paulo, manifestantes erguem a foto do líder Kadhafi e condenam Reagan

APOIO POPULAR

canos como "violação flagrante do direito internacional"; 4) ONU (organização da Nações Unidas) por meio de seu Secretário Geral, Javier Perez de Cuellar. Até países aliados aos EUA como Arábia Saudita, Egito, Espanha (onde há várias bases militares dos EUA) condenaram os bombardeios americanos. Até mesmo o ex-presidente Jimmy Carter condenou a ação de seu colega Reagan.

Como esta agressão causou vítimas civis, Reagan deveria ser julgado como criminoso de guerra e assassino de crianças, declarou o dirigente líbio Muammar Al-Kadhafi.

No dia 16 de abril de 1986, gritando palavras de ordem "Abaixo o imperialismo", "Reagan assassino" e queimando duas bandeiras dos EUA, diante do consulado desse país, em São Paulo, manifestantes demonstraram seu repúdio à agressão americana à Líbia.

Os manifestantes portavam faixas com os seguintes dizeres: "Reagan assassina mulheres e crianças", "Reagan-Hitler", "Estados Unidos fora da Líbia", "Reagan, criminoso de guerra", "Reagan, deixe a Líbia em paz", "O

povo brasileiro condena este ato criminoso", "Margareth Thatcher, coadjuvante do ator assassino Reagan", "Reagan fere o direito internacional".

Os manifestantes observaram um minuto de silêncio proposto pelo vereador Luís Tenório de Lima (PCB) em homenagem às vítimas do imperialismo. Fizeram uso da palavra o deputado Antonio Rezk (PCB), o jornalista Nilson Dalledone, do jornal Voz da Nação e do Comitê Brasileiro de Solidariedade à Líbia, entre inúmeras entidades presentes.

O imperialismo norte-americano chegou até a atentar à soberania brasileira porque, segundo Paulo Azevedo (Executiva do PT), em 1964, a frota dos Estados Unidos estava em águas brasileiras para dar apoio à reação contra o governo constitucional de João Goulart!

Manifestações semelhantes ocorreram em outras cidades como Rio de Janeiro, Santiago, Bogotá, Buenos Aires, Manila, Varsóvia, Manágua (10.000 pessoas) e Bengoco.

Marcos A. D. Andrade — jornalista.

norte-americano atua com o terror e o alimenta em todas as partes do mundo através das formas de opressão econômica e bélica. Assim, conclamamos todo o povo brasileiro a se manifestar contra o ataque norte-americano e a defender a Líbia enquanto povo oprimido. Abaixo a guerra imperialista! Pelo direito à autodeterminação dos povos!

(Moção aprovada na Assembléia Geral dos Professores e Funcionários da PUC/SP realizada em 16/04/86).

O CTC — Clube dos Trovadores Capixabas, em reunião de Diretoria, realizada a 27 de abril de 1986, aprovou por unanimidade um VOTO DE SOLIDARIEDADE com o povo da Líbia, pelo ato vil praticado

pelos Estados Unidos, numa agressão repugnante de quem usa o terrorismo de Estado para atitudes demagógicas. Ato repulsivo praticado pelos Estados Unidos mostra os interesses desta Nação contra as forças de Paz, num Ano Internacional da Paz. Os Trovadores brasileiros, alimentados numa nova visão democrática, que os levam a participar ativamente das lutas gerais do povo, rechaçando os tempos platônicos de outrora, onde se limitavam à pregação de formas supérfluas de poesia, não podem ficar alheios às injunções antidemocráticas dos imperialistas, empenhados tão somente em oprimir os povos não adeptos de suas ideologias.

Vitória, ES, 27 de abril de 1986

TELEGRAMAS DE APOIO AO POVO LÍBIO

O Sindicato dos Marceneiros de São Paulo estende irrestrita solidariedade ao povo líbio e seu governo contra mais uma tentativa agressiva do imperialismo norte-americano. Viva a Paz!

Lázaro Paulino Maia — Secretário Geral do Sindicato dos Marceneiros de São Paulo

Face aos lamentáveis acontecimentos, que vêm abalando o mundo e sobretudo o heróico povo líbio, manifesto, através deste telegrama, minha solidariedade e colo-me como voluntário na luta para sobrevivermos e garantir a autodeterminação da Nação líbia.

Francisco Soares de Souza — Diretor do Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Derivados de Petróleo de São Paulo

Acuso o recebimento da correspondência. Conte com meu apoio e solidariedade contra a agressão norte-americana ao povo líbio. Atenciosamente.

Dep. José Eudes — PDT - RJ

Lamento e deploro covarde ataque do imperialismo norte-americano às cidades líbias. Desejo ao povo líbio força e resistência ao inimigo número 1 da humanidade, senhor Reagan. Fraternalmente.

Vereador Emir Amed - RJ

Receba o povo líbio a mais ampla solidariedade do povo de Arapongas, quando é agredido covardemente pelo belicista Reagan, inimigo dos povos que lutam pela sua libertação.

Prefeito Waldyr Pugliesi - Governo Popular de Arapongas

Enviamos veementes protestos pelos ataques criminosos dos norte-americanos à nação Líbia.

União Beneficente Muçulmana de Barretos - SP

Apresento novamente minha solidariedade ante a nova insólita agressão à Líbia. Terroristas são os cowboys americanos que pretendem passar por anjos. Cordialmente.

Genival Tourinho - Ex-Deputado Federal, participante do Congresso da Jamahiriya, em 1981, integrando delegação parlamentar

Manifestamos nosso total repúdio a ação imperialista, covarde e assassina do governo dos EUA frente a seu povo. Oferecemos nossa solidariedade e ajuda.

Edson Crusco - Membro da Comissão Executiva do PCB-Vila Mariana - SP

Condenamos os ataques indiscriminados dos norte-americanos ao povo líbio. A Líbia não está só. Saudações solidárias.

Grupo Socialista - PDT - Recife

A melhor contribuição que o povo nicaraguense pode dar ao povo da Líbia e a qualquer povo do mundo é manter a liberdade e lutar com toda decisão e combatividade para que nossa Revolução não seja arrasada pela contra-revolução, para que o inimigo não tome de nossas mãos o governo, que está nas mãos dos trabalhadores nicaraguenses. Enstão, a maior contribuição que podemos dar é manter a nossa soberania sendo solidários com os líbios nesse sentido.

Eligio Chaves — Central Sandinista de Trabalhadores da Nicarágua

Vimos manifestar nossa solidariedade ao povo árabe-líbio, vítima de covarde agressão norte-americana. Aos nossos irmãos líbios enviamos nossa amizade e nosso apoio irrestrito.

Comitê Brasileiro Anti-Imperialista — Federação Paranaense de Cineclubes

Lamentamos o ataque do "fio Sam" contra um país pequeno, contra a Líbia. Não resta dúvida de que o "Golias" Reagan, o Drácula do século XX, procura desculpas para saciar seus desejos de ver cada vez mais sangue de inocentes derramado, e não há diferença se esses inocentes são do Líbano, da Palestina ou da Líbia. Pessoalmente, como cristão evangélico, repudio esse ataque e protesto contra a atitude de uma nação que era cheia de fé e de princípios cristãos evangélicos e agora se encontra bem longe de Deus. Os EUA, da nossa era, é uma nação manchada de sangue. Isso é resultado da diminuição da fé e também devido a influência judaica nas decisões do país. Espero que os americanos sinceros acordem e ergam a tocha da liberdade e da fé antes que esse Drácula do século XX leve a América ao abismo. E que Deus console os líbios.

Rabih Sami Nemer — evangélico árabe

Vimos, pelo presidente, manifestar nosso total repúdio à covarde agressão norte-americana contra o povo líbio, em manifesto atentado contra a paz mundial. Respeitosamente.

Everardo Noroes - Presidente do Instituto Pedroso Horta - IEPES (PMDB - PE).

Indignada por esse ataque norte-americano contra a Líbia, solidarizo-me com o povo e o governo do Coronel Kadhafi.

Helena da Silva Quadros - Editora Responsável de "A Vassoura" - SP



Fotos: Solange Dalledone

Presidente do "Voz da Nação", Nilson Dalledone, conclama os manifestantes a se unirem na luta anti-imperialista, em frente ao Consulado dos EUA

II CONFERÊNCIA MUNDIAL APÓIA

Declaração Política Final da II Conferência Geral da Mathaba Mundial

Os povos da Ásia, África, América Latina, Caribe e das ilhas dos Oceanos que participam nos trabalhos da II Conferência Geral da Mathaba Mundial contra o imperialismo, o sionismo, o racismo, a reação e o fascismo, através de suas forças vivas, seus movimentos revolucionários, suas formações políticas, em nome dos movimentos pela paz, dos verdes, dos movimentos alternativos na Europa e no mundo, dos milhões de negros e de índios norte-americanos, de curdos e de todas as minorias do mundo que sofreram injustiças do colonialismo e que ainda sofrem sob a opressão imperialista, sionista e racista, vivendo uma das etapas mais cruéis de sua história, pagando com sangue e suor o preço por sua libertação da opressão, da exploração e da tirania exercida pelos instrumentos do poder avançam de forma multifacética até a era das massas, quando estas terão o poder, as riquezas e as armas. Estes povos compuseram a Mathaba Mundial, na ocasião da II Conferência, realizada em Trípoli, na Jamahiriya Socialista Popular Árabe da Líbia, de 15 a 18 de março de 1986, sob o lema de luta "pela consolidação da unidade revolucionária e pela realização do princípio de luta coletiva contra o terrorismo imperialista, sionista, racista, reacionário e fascista".

— Considerando que o discurso do irmão revolucionário internacionalista, Muammar Al-Kadhafi, nesta Conferência, é um ponto de referência para a elaboração da Carta Internacional da Jamahiriya dos Direitos Humanos e a base do direito à luta coletiva dos povos deserdados para tomar posição perante a Organização das Nações Unidas, diante do terrorismo internacional e a favor das minorias, assim como a base de suas atitudes em relação às causas, problemas e desafios que enfrenta o Movimento Revolucionário no mundo;

— Depois de ter passado em revista os desenvolvimentos que caracterizam o Movimento Revolucionário Mundial, assim como as circunstâncias que lhe são inerentes e de ter analisado os desafios impostos pela agressão imperialista, sionista e racista contra os pequenos povos e nações proclamam que:

I — A II Conferência Geral da Mathaba Mundial contra o imperialismo, o sionismo, o racismo, a reação e o fascismo saúda a valente posição revolucionária da gloriosa revolução de Al-Fateh e seu guia revolucionário Muammar Al-Kadhafi diante da feroz ofensiva dos Estados Unidos, com suas ameaças de agressão, suas manobras de provocação ao largo das águas territoriais

árabe-líbias. A Conferência afirma que o Golfo de Sidra é parte integrante do território árabe-líbio, estando sob sua total soberania. A Conferência sublinha a necessidade de se adotar uma atitude firme perante todos os regimes que continuam servindo de trampolim ao imperialismo, permitindo a este ameaçar a segurança e a estabilidade dos povos, assim como servindo de ponto-de-partida para a realização de tais práticas terroristas.

II — A Conferência valoriza a firmeza da Revolução Sandinista, diante dos complôs imperialistas norte-americanos, expressando sua aprovação e apoio ao povo e à Revolução Sandinista. Do mesmo modo, a Conferência expressa uma solidariedade capaz de reconfortar a firmeza de Cuba e seus dirigentes revolucionários, sob a direção do camarada Fidel Castro, diante da arrogância norte-americana.

III — Valorizando em alto grau a intensificação da luta do povo da África Austral e de suas forças revolucionárias, que se opõem à política do apartheid, imposta aos africanos negros pelo regime de Pretória, a Conferência ratifica que o desmantelamento dos últimos baluartes de tal regime apoiado pelo imperialismo norte-americano e seu aliado, da entidade sionista-racista que ocupa a Palestina árabe, corresponde a um dever revolucionário sagrado, que não diz respeito somente aos africanos negros, mas a uma aliança revolucionária mundial de luta coletiva e sistemática, que mobilize as forças da liberdade em todo o mundo. Declara 1986 como o ano do enfrentamento com a discriminação racial na África. A Conferência exorta a todos os revolucionários do mundo a apresentarem-se como voluntários contra este regime.

IV — A Conferência aprecia em alto grau a valente e tenaz resistência das massas árabes da Palestina ocupada perante as artimanhas sionistas, terroristas e racistas que procuram liquidá-las e fazer desaparecer seus direitos históricos de existirem em suas terras. E condena todos os atos de selvageria, que vão desde o assassinato até o extermínio coletivo de mulheres, velhos e crianças por bandos sionistas. A Conferência ratifica seu total apoio à justa e legítima luta armada palestina até a libertação completa do

solo árabe-palestino e condena todos os planos capitulacionistas impostos pelos Estados Unidos da América do Norte e por seus próceres. Além disso, a Conferência saúda a heróica firmeza do povo libanês contra a agressão sionista-racista e sua resistência tenaz contra as forças multinacionais de agressão, encabeçada pelos Estados Unidos, e convoca todos para aumentarem sua solidariedade às forças progressistas árabes-libanesas, quando estas intensificam suas ações revolucionárias em sua marcha para a liberdade.

V — As guerras de genocídio perpetradas pelos invasores brancos na América do Norte e em outros lugares, que atingiram os índios norte-americanos, são uma prova histórica do belicismo e da selvageria destes invasores e ficarão gravadas em suas fronteiras como uma marca de infâmia através das gerações. As tentativas, cujo fim seja perverter a história e distorcer os fatos, segundo o enfoque do homem branco, não podem ocultar a verdade histórica, que confirma o direito das comunidades indígenas da América de fundar seu lar nacional sobre o solo histórico. Sobre este ponto, a Conferência declara aprovar e apoiar esta justa e legítima luta. Do mesmo modo, ela insiste sobre o direito dos peles-vermelhas — como nação — de fundarem seu lar nacional unificado.

VI — As Nações divididas têm direito a reafirmação de sua identidade nacional, de reunir seus compatriotas espalhados, vítimas da dispersão geográfica e política. Em virtude da presente tomada de posição e com o objetivo de corrigir a acumulação de fatos históricos, que aumentam os problemas, a Conferência expressa seu apoio à luta do povo curdo por sua unidade nacional e pela recuperação de suas legítimas reivindicações.

VII — A Conferência saúda a intensificação do combate das forças revolucionárias nacionais no Iraque em luta pela derrubada do regime fascista de Saddam Hussein e condena a guerra criminosa perpetrada por este contra a Revolução Islâmica do Irã.

VIII — Os levantamentos populares das minorias negras, assim como sua oposição às políticas de discriminação racial e de segregação étnica pelas sociedades norte-ame-



Expressando alto grau de combatividade os participantes da Mathaba numa só voz condenam o imperialismo

ricana e britânica, confirmam a necessidade de remodelar estas sociedades de modo a incorporar o direito das minorias à participação total na vida política, econômica e social, para poderem assumir integralmente o papel que lhes corresponde de acordo com os princípios elementares dos Direitos Humanos. Igualmente, a Conferência apóia, sem reservas, estas minorias em suas justas e legítimas lutas e se une à sua causa contribuindo com meios para conseguirem a vitória definitiva em seu combate contra regimes reacionários e retrógrados.

IX — A Conferência saúda a luta progressista dos pequenos povos, assim como sua resistência diante dos complôs e desafios imperialistas, que ameaçam sua liberdade e independência ou que se propõem a conter seu avanço, com a pretensão de colocá-los de joelhos política e economicamente. A Conferência ratifica seu apoio total a tais povos em sua luta por salvaguardar sua identidade e liberdade, incluindo seu direito de elaborar novos sistemas de aliança e de defesa coletiva.

X — A Conferência felicita a ampliação das lutas nos últimos bastiões do colonialismo francês, que continua submetendo os pequenos povos insulares de Nova Caledônia, de Guadalupe, Martinica e de Reunião. A Conferência frisa o direito destes povos de disporem de si mesmos, eliminando os laços de dependência e dominação colonial, assim como se declara sem reservas, ao lado dos movimentos de libertação insulares citados.

XI — A Conferência destaca a importância de reforçar a luta comum com o conjunto dos países socialistas em defesa da causa da liberdade dos povos, da manutenção de sua independência nacional e da proteção de suas conquistas.

XII — O imperialismo, o sionismo e o racismo representam um terror constante para os povos e nações pequenas e os exemplos mais atrozes disso tem lugar na Palestina ocupada, Namíbia e África do Sul. Em consequência, a réplica a tudo



A II Conferência Geral da Mathaba Mundial vota a Declaração Política Final

MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

isto, através da luta armada, não pode ser confundida com o terrorismo, como tenta demonstrar o imperialismo, já que se trata de uma luta, cuja legitimidade se origina do direito à legítima defesa. A Conferência sublinha que o verdadeiro terrorismo é o de Estado, praticado pelos Estados Unidos e demais potências neocoloniais, que destinam seu potencial militar, político e meios de comunicação para submeter os povos e para dominá-los. É a administração norte-americana, a que realiza tal terrorismo de Estado e que invadiu, militarmente, Granada, Líbano e Chad, que ameaça invadir a Jamahiriya e a Nicarágua, que organiza manobras de provocação, utilizando sua frota naval, que fomenta golpes de Estado e assassinatos de dirigentes revolucionários em todo o mundo, que instala bases militares e armas nucleares, que saqueia os recursos econômicos dos povos e que arruína suas culturas, destruindo, inclusive, sua existência.

XIII — Considerando que a aniquilação dos últimos bastiões do fascismo e dos regimes tirânicos e ditatoriais não implica apenas numa substituição de um instrumento repressivo por outro, mas que é parte do movimento mundial das massas, que atuam no sentido da tomada do poder, baseando-se em seu potencial político, econômico e militar e no seu direito de adotar o sistema de luta coletiva diante do fascismo para destruir os seus pilares, a Conferência valoriza, em alto grau, as vitórias obtidas pelas massas na África, Ásia e América do Sul, as quais fizeram cair os símbolos do fascismo, ao tomarem seus bastiões. Deste modo, a Conferência proclama que se mantém ao lado de todos os movimentos de libertação, que continuam contra os regimes de opressão e os últimos baluartes do fascismo.

XIV — A corrida armamentista e a instalação de armas nucleares, a contaminação do meio ambiente e a hegemonia norte-americana sobre a Europa Ocidental impulsiona o movimento das massas e dão vigor aos movimentos pela paz e aos movimentos alternativos. A Conferência declara que apóia, total e absolutamente, estes movimentos com o objetivo de aumentar sua eficiência e suas possibilidades de desempenhar um novo papel em defesa da civilização em relação aos povos da Europa e exorta à retirada das frotas de guerra que semeiam o terrorismo no Mediterrâneo, transformando essa região em zona de paz e segurança.

XV — A Organização das Nações Unidas é, em sua situação atual, uma organização governamental e sua vontade está comprometida, devido à existência do privilégio do direito de veto, exercido desde sua criação, contra os interesses e causas das nações pequenas. A Confe-

rência lança um chamado em pró de uma nova organização internacional que realize a vontade das pequenas nações oprimidas, amantes da paz e da justiça e que seja transformada em tribuna, onde a voz do bem e do direito se faça ouvir, calando para sempre a voz da hegemonia imperialista.

XVI — Dada a gravidade da fase que atravessa o Movimento de Libertação Nacional Mundial, diante do aumento das múltiplas agressões do imperialismo norte-americano e de seus aliados, que assumem características de invasão militar direta dos territórios dos países, tal como ocorreu em Granada e no Líbano e em algumas nações africanas limítrofes da África do Sul racista e do Chad, assim como a ameaça militar do imperialismo norte-americano contra o povo da Jamahiriya Socialista Popular Árabe da Líbia. A Conferência afirma que os métodos para se enfrentar esta campanha imperialista terrorista precisam ser readequadas ao combate coletivo destes povos, para que esta luta tome a forma de combate global e passe a ser o fundamento jurídico-revolucionário, adquirindo assim, a legalidade internacional, como direito reconhecido de legítima defesa.

A Conferência adotou, além disso, as seguintes decisões:

1 — Os membros da Conferência resolvem considerar o discurso do guia internacionalista, Muammar Al-Kadhafi, como documento de base para os trabalhos da Segunda Conferência Geral da Mathaba Mundial. Comprometem-se a cumprir as orientações deste documento e proclamam o guia orientador da revolução mundial, dirigente revolucionário contra o imperialismo, o sionismo, o racismo, a reação e o fascismo.

2 — A Conferência decide organizar uma força combatente contra o imperialismo, o sionismo, a reação e o fascismo para concretizar o princípio de legítima defesa, cuja sede se localizará na Jamahiriya



Contrastando com o passado, dezenas de mulheres foram a Trípoli, como membros de delegações dos mais diversos países e Movimentos de Libertação Nacional. A América Latina, incluído o Brasil, levou muitos representantes



Socialista Popular Árabe da Líbia.

3 — A Conferência decide, além disso, organizar uma frente mundial, formada pelos pequenos povos e nações, pelos movimentos revolucionários e formações políticas, pelos regimes progressistas e pelas revoluções populares do mundo, para se levar adiante a luta contra as forças da arrogância e da hegemonia no mundo.

4 — A Conferência resolve, além disso, com o objetivo de enfrentar a estratégia global de agressão, na qual os papéis são distribuídos pelo imperialismo, pelo sionismo, pelos regimes fascistas e ditatoriais, apoiar os movimentos de libertação e sua legítima luta, pela afirmação de sua identidade cultural e seu direito de reconstruir suas pátrias espoliadas e de viver em paz, a salvo das ameaças do colonialismo e do terror nuclear.

5 — A identificação dos objetivos de luta é um dever ditado pelas necessidades da situação. Os membros da Mathaba, que participam na Conferência, aprovaram o seguinte:

a — Organizar encontros, seminários e entrevistas;

b — Publicar jornais, informes e notícias sobre seus membros-parti-

cipantes e suas atividades;

c — Intercambiar publicações;

d — Organizar foros culturais;

e — Realizar atividades políticas regulares e ocasionais sob forma de colóquios internacionais, manifestações revolucionárias, festivais da liberdade e jornadas de solidariedade.

Segunda Conferência Geral da Mathaba Mundial — Trípoli — 18/03/86

Imperialismo decide programação da TV brasileira

Das 10 agências publicitárias estrangeiras, que estão por trás da chamada "Associação Brasileira de Advertência", 9 são norte-americanas. São financiadas pelos consórcios norte-americanos Ford Motor Co.; General Electric Co.; Coca-Cola, Mobil Oil do Brasil Co. e outros. São estas empresas transnacionais que determinam que enfoque se deve dar às questões econômicas, políticas e financeiras na televisão brasileira.

Espionagem toma conta das relações entre transnacionais

O Jornal "The New York Times" destacou que um número cada vez maior de companhias norte-americanas está criando "unidades de inteligência", com a finalidade de coletar informações sobre custos, produtos e pesquisas de empresas competidoras, principalmente companhias japonesas. As companhias consultadas insistem que não recorrem a métodos ilícitos. A Motorola Inc. contratou um ex-analista com vinte anos de experiência na CIA.

Milhões de analfabetos na Ásia, África e América Latina

No mundo existem cerca de 889 milhões de analfabetos com mais de 15 anos, ou seja, 27% da população desse grupo de idade. As regiões mais afetadas ficam na Ásia, onde a taxa de analfabetismo chega a 36,3%, superando a média. O mais grave é que 666 milhões são analfabetos absolutos, dos quais 162 milhões estão na África, somando 54% desse total.



Com grande atenção, os participantes se preparam para levar a mensagem da II Conferência

ESCRITORES RETOMAM A REALIDADE BRASILEIRA

Após 11 anos de regime militar repressivo e arbitrário, a literatura nacional caminha em novas direções. Se no passado recente, obedecendo a orientação das transnacionais, os militares, secundados pelos senhores mais conservadores e reacionários, estimulavam estilos literários alienados da realidade brasileira, como são as obras pornográficas, atualmente tenta-se criar uma estética consciente e participante.

A Literatura Cearense recente tem apresentado como que um ciclo ecológico. Alguns autores ficcionistas têm se voltado com veemência para a defesa do primitivo. E o interessante é que a contextualização não se localiza no Ceará. Há um deslocamento espacial para um relevo muito mais amazônico do que nordestino.

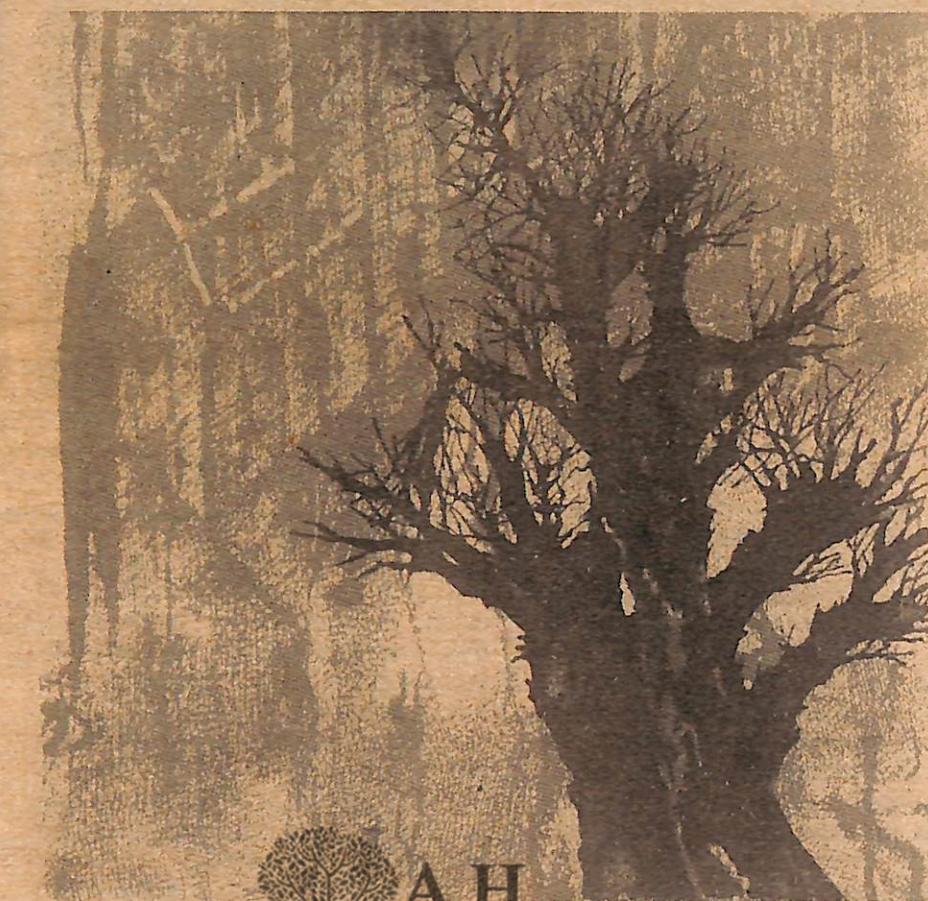
Tudo começou em 1979, quando vieram a público, no mesmo dia, local e hora, dois livros editados pela Editora Moderna: "A Cachoeira das Eras" (ou "A Coluna de Clara Sarabanda"), de Carlos Emílio Correia Lima e "O Cabeça de Cuia" de Paulo Veras.

Carlos Emílio, com sua "Cachoeira...", vagueia de forma épica, do mais antigo passado ao mais remoto futuro, numa coluna intemporal e denunciadora (ou aliciadora?) do apocalipse. O pano de fundo é uma floresta crispada, que, agredida e agressora, esbarra na coluna devastadora do progresso. Foi livro lido por poucos e entendido por muito menos. Esse fato não compromete seu valor literário, mas comprova que as grandes obras nem sempre têm acesso ao grande público e aos críticos.

Denúncia na "Liberlândia"

Paulo Veras em "O Cabeça de Cuia" (contos), apesar da distância que se põe de Carlos Emílio, apresenta como cenário, campos, rios e florestas. Um bucolismo piauiense, intermediário entre a mata e o campo, prontificando açudes, rios e meninos amadurecendo. O autor que é piauiense de nascimento, não penetrou tanto na floresta como o fez, em 1982, o romancista José Lemos Monteiro, que com o seu "A Serra do Arco-Iris" (Imprensa Oficial do Ceará), devastou um pedaço da floresta paraense e arquitetou sua "Liberlândia".

Na "Liberlândia", cidade criada pelo Prof. Lemos, cabem perfeitamente todo o Projeto Jari, a represa de Tucuruí, o projeto Carajás, a Transamazônica, a Belém-Brasília, a Madeira-Mamoré, o Márcio de Souza, o Aldoux Huxley etc. É uma Serra Pelada encravada no Parque



do Xingú. Como paraense, o autor defendeu o equilíbrio ecológico da região, no seu exílio no Ceará.

Muita poesia

Estas três obras por si só são suficientes para marcar este pretérito ciclo. Acontece que no final de 82 surge também um outro trabalho de Paulo Veras, "O Centro da Pedra". A despeito de ser feito artesanalmente em gráfica de fundo de quintal, o livro apresenta um padrão gráfico de alto nível, com ilustrações muito bem elaboradas. O que não se justifica é que o livro tenha ganho o 1º lugar no Concurso Nacional Pena Aymoré, em Belo Horizonte, em 1978, e só quatro anos depois venha a público.

Mesmo assim, não perdeu sua atualidade. Isto porque o problema do índio é tão antigo quanto atual. E de todo este ciclo da literatura cearense é a obra cuja proposta mais convence. Diz o autor e alguns críticos, que a obra se enquadra no gênero novela. No entanto, não é novela, nem é romance, nem conto, nem poesia. É uma conjunção de tudo isso. Também não precisa pertencer a um gênero definitivo para ser uma obra de arte. O que há de novela é um texto "confissão", composto todo em diálogo entre um padre confessor, penitenciador, e um índio assassino e inocente. Há também o fantástico do Curumim que sobe aos céus, característica do gênero novela, desde as canções de gesta. Mas há textos poéticos que nada trazem de novela. É poesia mesmo. Poesia de segunda pessoa, tom exortativo. É



poesia que resgata Paulo Veras de sua infeliz passagem pelo movimento de poesia pornô. Mas quem não tem seus maus antecedentes? Prova disso é que seu livro, em parceria com Leila Micolis, chama-se coincidentemente "Maus Antecedentes". Como esse movimento sucumbiu no seu próprio vazio e se constituiu muito mais de uma cortina temporal, não se pode julgar um autor com uma obra sólida como "O Cabeça de Cuia" por um momento de devaneio como foi o pornô.

Mas esse novo trabalho de Paulo Veras é coisa muito séria. É denúncia social sem ser tese sociológica. É literatura sem rótulo. De um lado, o índio; do outro, o progresso devastador, a calça "lee", o rádio de pilha. Há toda uma função social desse pequeno transistor. Ainda não se fez a análise das influências do rádio de pilha nas populações das selvas e dos sertões. Mas não é só destes monstros da tecnologia que entende o autor. O autor penetra em alguns elementos naturais, tais como a pedra, a água, a selva e a criatura. No entanto, o que dói mesmo é sua abordagem da usina, o câncer da selva. As estradas por onde se esvai a seiva da selva, a vida do nativo, a perfuração do corpo selvagem, por onde penetra o bacilo do progresso. Todo esse emaranhado de motivações vão se arrumando num texto onde o "flash back" e o "flash forward" dão idéia de uma técnica cinematográfica que não desperdiça o tempo nem desvia do literário. Há pouco diálogo e muita poeticidade. O que

chama mais a atenção, no entanto, é um fato raro em literatura e abundante em pedagogia. É o autor parar para avaliar seu desempenho dentro do texto. É esse questionamento que não é metalinguagem mas uma auto-avaliação, que marca o desprendimento da criação do seu criador. Num certo momento do texto diz o autor: "Onde anda o narrador? a personagem engoliu em noite de assombração". Daí para a frente, a narração vai à deriva. O autor perde o controle e os acontecimentos, libertos dos esquemas de criação jorram num fluxo de naturalidade.

Seria a didática do ofício de escrever? É pena que o autor não tenha usado mais esse artifício. Talvez o pudor diante do tradicionalismo. Mas não perde o brilho esse seu trabalho, porque há outras inovações. Pois também o fato de fugir dos ditames de qualquer gênero literário sem perder seu valor artístico faz de "O Centro da Pedra" uma obra curiosamente bela.

Por José Batista de Lima

POESIA

PRESENTES

Amor, fé e bondade estão embrulhados artificialmente em pacotes luxuosos que a maioria não pode receber. Expostos, negociados são objetos mecanizados computadorizados joguetes modernos de egoísmo e salário.

Jurandir Schmidt — Joinville — SC

DOCTRINA PÓS-GUERRA

A esfera inerte dos olhares frios em redemoinho cai sobre inocentes como desafios infundamentados.

A espera vem.

Traz o sol, nascendo luz aos nossos eus.

As sementes rompem para o mundo quente.

Amanhece Deus.

Moema Cardoso — in Auto-Prisma — SP